

PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS DO CAMPO: REGISTROS DAS IDENTIDADES E CULTURAS DE INFÂNCIAS NA PERSPECTIVA REMOTA

Leila Damiana Almeida dos Santos Souza¹

Resumo: O presente artigo relata a experiência do Projeto de Extensão Protagonismo das Crianças do Campo. As atividades foram desenvolvidas em três escolas do campo do distrito de Humildes, em Feira de Santana, BA. O objetivo foi de analisar através da produção de imagens, de registros orais e escritos das crianças os processos constitutivos das identidades e do protagonismo das infâncias campestres. Trabalhamos com as narrativas das crianças na intenção de compreender os espaços que a infância campestre ocupa e as (re) interpretações que constroem a partir das experiências da vida do/no campo e como estas são percebidas dentro do espaço escolar. Sarmento (2011) e Souza (2019) acreditam que as crianças precisam ser valorizadas como atores sociais, produtoras de culturas que reinterpretam e reinventam o contexto social, educacional, político e cultural em que vivem. As estratégias metodológicas utilizadas foram cirandas infantis (diálogos, discussões temáticas e oficinas); uso da cartografia social na elaboração dos mapas sociais, construídos com as crianças através de uma descrição discursiva dos símbolos, das relações sociais, dos conflitos e das lutas. Com a pandemia Covid-19 as atividades foram reestruturadas na forma remota e passaram a envolver não só as crianças, mas, docentes e as famílias das crianças.

Palavras-chave: Infância Campestre, Protagonismo, Narrativas, Escuta, Pandemia.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Protagonismo das Crianças do Campo foi desenvolvido nos anos de 2019 e 2020, no Núcleo Escolar Municipal Cândido Vitoriano de Cerqueira, composto por três escolas campestres localizadas no distrito de Humildes, no município de Feira de Santana, Bahia.

No ano de 2019 as atividades foram desenvolvidas no espaço escolar com atividades de produção de imagens, de registros orais e escritos das crianças que envolviam temáticas relacionadas aos processos constitutivos das identidades e do protagonismo das infâncias campestres. Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível perceber a forma como as crianças representam a comunidade evidenciando a visão da relação e do convívio social, bem como a maneira de organização social e

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: leila.damiana@ufrb.edu.br

política que está presente na comunidade. A partir da escuta dos sujeitos participantes constatamos que as crianças quando ouvidas e, sobretudo, quando tratadas como protagonistas, sentem-se cidadãs, ampliam o pensamento crítico social, cultural e político, demonstrando que com suas leituras de mundo podem contribuir com a comunidade.

Com a pandemia da Covid-19 os desafios vivenciados culminaram na necessidade de reinvenção do fazer educativo, sendo evidenciadas novas formas de enxergar as ações do projeto para além do espaço físico da escola e, portanto, as atividades foram reestruturadas no âmbito de atividades remotas. Nesse sentido, passamos a desenvolver ações formativas com a comunidade do Núcleo de Escolas do Campo através de Cirandas Temáticas. Essas concebidas como momentos de formação em rede. Ou seja, metodologicamente desenvolvidas por meio de webinários.

As temáticas das Cirandas abrangeram atividades direcionadas tanto para professores quanto para as crianças, suas famílias e os membros de organizações sociais da comunidade. Essas Cirandas Temáticas levantaram problematizações sobre a educação, as culturas e as infâncias do campo. Intentaram descolonizar o olhar para as diversas crianças camponesas que vivem suas experiências em diferentes espaços, mas que sofrem também as crueldades desse sistema e dessa necropolítica (MBEMBE, 2018), reagindo, subvertendo, (re) criando outras possibilidades de existências e de educação.

Acreditamos que as crianças são sujeitos sociais e culturais que agem, reagem e sofrem os impactos da realidade social. A partir da sua realidade e das relações estabelecidas com adultos/as e outras crianças, produzem cultura e interpretam os acontecimentos. Sendo assim, foi importante entender como as crianças estavam experienciando e elaborando esse processo de isolamento social através das atividades propostas pelo Projeto que, por sua vez, possibilitou a escuta e contato com crianças, docentes e famílias.

Para viabilizar essas vivências foram propostas atividades como: cirandas infantis (momentos de diálogos, discussões temáticas, oficinas. Todos remotos); processos de registro do cotidiano virtualmente através do WhatsApp. Dentre as intenções dessas atividades formativas, orientamos a comunidade escolar para produção do Inventário da Realidade, estrategicamente operacionalizado por intermédio das

Cirandas Temáticas. Buscamos seguir contribuindo com as atividades pedagógicas do Núcleo Municipal Cândido Vitoriano, mesmo sem a continuidade das vivências presenciais nas escolas no Núcleo. Pois, consideramos fundamental que, mesmo no contexto remoto, as crianças fossem valorizadas como atores sociais, produtoras de culturas que reinterpretam e reinventam o contexto social, educacional, político e cultural em que vivem.

Evidenciamos que, assim como foi em 2019, essa forma de conceber a criança, seus saberes e seu espaço, necessitava de um trabalho formativo com os professores do Núcleo. O caminho percorrido nos anos de 2019, bem como no ano de 2020, consecutivamente com trabalhos que tiveram o foco nas crianças e com Webinários de formação para professores, crianças, famílias e com bolsistas voluntários, nos ofereceram elementos para seguirmos com ações no ano de 2021. A partir da compreensão da negação que as estruturas sociais tentam impor para a infância campestre, seguiremos nos contrapondo e reafirmando que é possível criarmos coletivamente (re) interpretações da infância que, por sua vez, se constroem a partir das experiências da vida do campo e das ressignificações dessas vivências dentro do espaço escolar.

INFÂNCIAS E PANDEMIA: HÁ LUGAR PARA AS CRIANÇAS CAMPESTRES?

Quando falamos de crianças e de suas histórias, a partir dos seus espaços de interação, somos convidados a adentrarmos no universo das significações, ou seja, as portas onde encontramos os modos de perceber e atribuir significados ao outro se abrem.

Por trás dessa porta encontramos uma diversidade de situações que, muitas vezes, estão carregadas de negatividades histórica e socialmente construídas sobre o ser criança e sobre a simplificação da infância. Sendo assim, torna-se oportuno evidenciarmos que o olhar para as crianças campestres sempre vem acompanhado dos mesmos estigmas que criminalizam os trabalhadores rurais. Esses olhares diversos acabam por criar representações do outro tendo como parâmetro as percepções (sociais,

políticas e ideológicas) preconcebidas para se referir a determinadas pessoas ou grupos. Assim, quando pensamos a representação da diferença, esta, como afirma Homi Bhabha (1998, p. 20), “não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição”. Portanto, entendemos que não é um olhar estigmatizado de um indivíduo ou de grupos que deve determinar os aspectos culturais e identitários do outro. Mas que esses são constituídos numa dimensão histórica e social.

No caso das crianças camponesas suas culturas e identidades que se constituem desde a infância fazem parte de uma vivência em um ambiente de luta, negações, repressões e conquistas. Assim, é possível compreendermos que essa construção da identidade infantil passa pela “articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p. 20).

A reconstrução das histórias de vida das crianças camponesas evidencia seus processos de subjetivação, individual e/ou coletiva. Ou seja, não intentamos apenas apresentar um estudo descritivo de como as culturas de infância e as identidades dessas crianças vão sendo atribuídas historicamente, mas conhecer os “entre-lugares” e as estratégias que possibilitam a emergência de novos signos que diferenciam as culturas e identidades dessas crianças. Nesse sentido, nas atividades do projeto assumimos que:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 20).

Na busca desses “entre-lugares” o projeto propôs atividades acerca da constituição de identidades individual e coletiva dos participantes em questão; intentando focar aspectos singulares das crianças camponesas, sobretudo suas relações nas escolas do campo, pois, entendemos que as identidades das crianças camponesas, nos planos social, educativo e cultural, se constituem numa dinâmica de produção e

autoprodução, onde se torna possível essas crianças vivenciarem sua infância, mas também se afirmarem como um coletivo organizado e produtivo.

Nesse sentido, com o início da pandemia, mediante as ações e medidas tomadas, as crianças camponesas foram colocadas dentro dos protocolos, em que o isolamento se fez primordial, principalmente com a ausência de aulas presenciais. Assim, nos inquietamos diante do silenciamento do poder público municipal que se deixou aprisionar num estado de inércia, pois, não desenvolveu ações voltadas para o levantamento de como as crianças camponesas estavam vivenciando as contradições e os efeitos dessa crise sanitária.

As inquietações tornaram problematizações para as quais lançamos nosso olhar acadêmico-propositivo-investigativo. Passamos então a nos perguntar: no contexto do isolamento social como a escola estava acompanhando as crianças camponesas? As crianças estavam sendo consideradas como sujeitos ativos, participantes e participativos, de direitos e políticos dentro dessas medidas? Para quais crianças temos olhar na pandemia? A partir daí decidimos não suspender as ações do projeto e reestruturá-lo de forma remota.

Sabemos que a pandemia do novo coronavírus escancarou as consequências da crise econômica, política, sanitária, ambiental e civilizatória oriunda do modo de desenvolvimento capitalista. Tais contradições expõem, ainda mais, as crianças e mulheres às condições de vulnerabilidade e violação de direitos. A suspensão das aulas presenciais, o trabalho remoto ou a manutenção do trabalho presencial, bem como o desemprego e a instabilidade econômica provocaram o aumento da violência doméstica. E quando falamos de comunidades camponesas, especificamente de crianças camponesas percebemos o quanto os impactos da pandemia agravaram atingindo estas populações aumentando mais as desigualdades.

O desafio era criar condições de continuidade de desenvolvimento do projeto e possibilitar a maior participação de todos os envolvidos sem estarmos fisicamente nos relacionando. Neste sentido, nos valem das palavras de Boaventura Sousa Santos quando afirma que a pandemia exige que sejamos solidários e que a vida do outro, mais do que nunca, depende das nossas ações. Segue o autor dizendo que: “A tragédia é que, neste caso, a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns

dos outros e nem sequer nos tocamos. É uma estranha comunhão de destinos” (SANTOS, 2020). Essa situação vitimou a todos nós de forma inimaginável.

Não estamos sendo vítimas apenas de um vírus, somos vítimas das nossas escolhas, da nossa indiferença ou da nossa inércia. Estamos vivendo mais uma crise de muitas que já existiram e que ainda virão, que vai exigir de nós um enfrentamento sério, global e sistemático ao capitalismo, colonialismo e neocolonialismo (MANOEL, 2020).

Diante do necessário isolamento não poderíamos ficar na “pura espera vã” (FREIRE, 2000). Então, o grupo de responsáveis pelo Projeto (coordenação e estudantes) junto aos responsáveis pelo Núcleo Escolar decidiram manter as atividades de forma remota e criar estratégias de participação coletiva que envolvessem as crianças, os docentes e as famílias. O Projeto acabou sendo a única forma de diálogo e encontro entre docentes, famílias e crianças. Abrindo assim, caminhos possíveis para que outros percursos fossem trilhados, dos quais as crianças e as infâncias não fossem mais invisibilizadas, mas, por outro lado, fossem consideradas como constituintes, transformadoras e protagonista nas suas vivências.

Sabemos que várias são as complexidades que envolve as relações entre o campo e a cidade e, em meio a essas complexidades que crianças camponesas vivenciam os processos inerentes a infância e na pandemia não seria diferente. Assim, os processos identitários e culturais nesses universos requer também pensar as transformações desses espaços inclusive os espaços escolares.

AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES E CULTURAS DAS INFÂNCIAS CAMPELINAS: O CAMINHAR DO PROJETO EM MEIO A PANDEMIA

Os saberes da terra ligados ao território onde os estudantes do campo estão inseridos são tão importantes quanto os conteúdos das diversas áreas de conhecimento. Assim deve ser o entendimento sobre educação nas escolas do campo, ou seja, a construção do conhecimento deve estar diretamente relacionada com os aspectos da vida camponesa. Nesse sentido, o projeto através das suas ações sempre buscou problematizar que as crianças devem ser levadas a pensar sobre a suas identidades e infâncias nas comunidades e, mais especificamente, dentro do espaço escolar. Assim,

fundamenta-se em estudos que preconizam as crianças como atores sociais, produtoras de culturas e de transformação social do contexto em que vivem, distanciando-se de uma concepção de infância ingênua e incapaz, que defende que a criança necessita “formar-se” para o mundo social adulto.

Conforme nos orienta Jacinto Sarmiento (2003), a criança não mais se limita à simples repetição. Não obstante, cria e produz cultura. É preciso conceber essas crianças como atores sociais, que precisam ser ouvidas, atendidas em suas necessidades e ter os seus direitos garantidos. Sobretudo, consideramos que as crianças do campo que tem tantos direitos negados precisam ser ouvidas e terem seus direitos assegurados.

Assumindo essa perspectiva da criança como agente social e a infância como categoria social, propomos a realização de diversas atividades formativas que fomentaram discussões sobre: o protagonismo das crianças do campo; as culturas de infâncias e identidades nas escolas das comunidades campestres; os sentidos atribuídos pelas crianças em relação ao campo; o lugar das crianças nos debates sobre políticas públicas municipais, estaduais para o campo; o fortalecimento das brincadeiras tradicionais e/ou outras nestas comunidades.

No ano de 2019 na realização de uma das atividades do Projeto, relacionada a afirmação das identidades e culturas das infâncias, nos valem da cartografia social para construirmos os mapas das comunidades. A cartografia social é uma forma de construção de mapas de maneira não excludente e levando em consideração o conhecimento dos moradores da região, fortalecendo a identidade local e preservando a cultura dos indivíduos. A cartografia social não se restringe apenas a uma representação espacial da comunidade em forma de imagem. Constitui-se em uma descrição discursiva dos símbolos, das relações sociais, da ocupação do território, dos conflitos e das lutas e suas perspectivas.

Percebemos que a cartografia social se demonstrou reveladora e potencializadora do protagonismo das crianças do campo. Durante a atividade percebemos uma grande ligação das crianças com a sua comunidade como, por exemplo, a importância das lendas da região que foram expressas nos mapas. Conseguimos identificar a visão diferenciada de localização das plantações e fontes de água nas comunidades. Os estudos baseados em autores como Pinto e Wanderley (2012) e Souza (2019) contribuíram para as dimensões conceituais e investigativas das ações com a cartografia.

O nosso objetivo foi construir a partir das construções dos mapas da comunidade, realizadas pelas crianças do quarto e quinto ano, análise do pertencimento, das representações sociais, econômicas, espaciais, ambientais e políticas da localidade.

Durante o desenvolvimento das atividades, para garantir a viabilidade, a estratégia adotada consistiu na construção dos mapas em grupos divididos por proximidade das moradias dos estudantes. Como resultado da ação, nos valendo tanto da construção dos mapas quanto das intervenções feitas, identificamos conflitos ambientais apontados pelas crianças, os tipos de manifestações culturais presente na comunidade e a sua relação com o pertencimento campesino. Como pode ser verificada nas imagens, também foi possível perceber a forma de organização que está presente na comunidade e as principais fontes de renda das famílias, demonstrando a capacidade do envolvimento nas atividades de associativismo. A partir do uso da cartografia social, que permite a escuta dos sujeitos participantes, constatamos que as crianças quando ouvidas e, sobretudo, quando tratadas como protagonistas, sentem-se cidadãs, ampliam o pensamento crítico social, cultural e político, demonstrando que com suas leituras de mundo podem contribuir com a comunidade.

Imagem 1 e 2: Cartografia social



Fonte: arquivo pessoal

Como se trata de uma atividade que teve seu início em 2019 e seguiu em 2020, mesmo no contexto da Pandemia do Covid-19 e do necessário isolamento social, acumulamos experiências através dessa parceria com os membros do Núcleo de Escolas Cândido Vitoriano. A anuência e apoio da Secretária Municipal de Educação (SMEd) também nos ofereceu lastros para defendermos que as atividades foram de grande relevância para as escolas do Núcleo, pois, as ações apontaram claramente uma

possibilidade de minorar os efeitos sociais e psicológicos da COVID-19 na comunidade escolar, nas crianças e nas suas famílias.

Com a reestruturação do Projeto, conseqüentemente com as Cirandas Temáticas, realizadas remotamente por meio de webinários de caráter formativo, buscamos contribuir para um olhar direcionado para as crianças, para as atividades a serem desenvolvidas nas salas de aulas remotas com as mesmas e ainda, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para que os membros da comunidade escolar realizassem os Inventários da Realidade.

Esses inventários, segundo Caldart (2016, p. 23), “é uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade”. Nesse sentido, através do roteiro do inventário buscamos conhecer o lugar em que se insere as escolas, bem como suas relações sociais e ecológicas, pois, é preciso pensar a escola como parte de processos formativos que constituem a vida social e as relações entre ser humano e natureza. Por isso, a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida e da sua comunidade.

A partir dos contatos iniciais e da escuta problematizadora definimos as Cirandas Temáticas com as escolas. Importante ressaltarmos que, no ano de 2020, a partir das demandas apresentadas pelas escolas do Núcleo, acordamos coletivamente que a contribuição do Projeto Protagonismo das Crianças do Campo seria voltada para reformulação do Projeto Político-Pedagógico com a participação das crianças, docentes, famílias e representações sociais da comunidade. Assim, desenvolvemos sete Cirandas Temáticas: A Relevância do Projeto Político Pedagógico para escolas do campo; Currículo nas escolas do campo e a constituição de sujeitos negros, indígenas e quilombolas; O lugar da agroecologia no currículo das escolas do campo; A relevância do ensino da etnomatemática e da etnociências no currículo das escolas do campo; O lugar da soberania alimentar nos currículos das escolas do campo; Os eixos temáticos das diretrizes curriculares do campo a partir da realidade local: “a experiência das escolas nas ilhas (Paraná)”; A Relevância do Inventário da Realidade na construção do Projeto Político-Pedagógico das escolas do campo.

Os aprendizados acumulados com as discussões dessas temáticas, desde as primeiras ações de 2019, nos leva a concluir que, em qualquer ação ou momento histórico precisamos compreender quem é a criança que nos propomos educar, ensinar e

aprender. Essa não pode ser vista como destaca Arenhart (2007), um ser incapaz de se manifestar em pessoa própria, uma espécie de adulto imperfeito, diluído e em miniatura. Pelo contrário, elas não são apenas pequenas reprodutoras das estruturas da sociedade adulta. A criança é um universo próprio e, como tal, merece atenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por termos iniciado o Projeto em 2019, e seguirmos com as atividades mesmo no contexto da Pandemia, desde o início do ano de 2020, acabamos por constatar que as ações propostas foram importantes para o processo o fortalecimento das identidades e das culturas de infâncias.

Seguir com as atividades remotas foi fundamental no grave momento que atravessamos, pois, entendemos que mesmo com as restrições de isolamento social e as escolas fechadas não podíamos nos distanciar dos nossos parceiros. Pelo contrário, esse é o momento que a universidade pública precisa comprovar o seu potencial e o poder de se reinventar para seguir cumprindo com uma importante função social: aproximar a produção acadêmica da população por meio da extensão universitária.

Seguimos com nossas ações acadêmicas-propositivas-investigativas por acreditarmos que as crianças de que falamos, ancoradas nos estudos do pesquisador Português Jacinto Sarmiento, é uma criança; não um adulto. Essa criança é tão plena de singularidades que também não se pode falar de infância, não obstante, o que existe são diversas formas de infâncias. As crianças e os seus vários aspectos das infâncias que as constituem faz com que elas se tornem produtoras de cultura. Assim sendo, concordamos com Sarmiento (2003) quando este defende que só quando formos de encontro à histórica invisibilidade da infância será possível enxergarmos as mais diversas formas de infâncias.

Além do mais, as ações desenvolvidas com a comunidade escolar do Núcleo de Escolas do Campo, vem permitindo solidificar a defesa de que a organização educativa, social e política de uma escola do campo precisam garantir as singularidades na elaboração da identidade infantil das crianças que vivem nesse espaço. Ou seja, essas crianças encontram-se contextualizada por uma história de reformas, mudanças,

conquistas e dificuldades – o problema agrário – que produz situações de indefinições. Mediante esse quadro é que esses pequenos vivenciam a permanente busca pela valorização da sua cultura, da constituição de suas identidades e, neste momento pandêmico, não podem mais uma vez serem apartadas deste cenário, sufocadas pelo silenciamento e pelas invisibilidades. Então, seguimos, como nos ensina Freire (1996 p. 35), nos movendo e nos colocando “pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

REFERÊNCIAS

ARENHART, D. *Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena*. Chapecó: Argos, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CALDART, R. S.; et al.. *Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo*. Guia discutido no Seminário: Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo. Veranópolis/RS: IEJC, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANOEL, Jones. *A humanidade partida: reflexões fanonianas sobre a pandemia*. 02/06/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/ahumanidade-partida-reflexoes-fanonianas-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 29 abril 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PINTO, Raquel Giffoni, WANDERLEY, Luiz Jardim de Moraes. Memória e Resistência: a experiência do mapeamento participativo da comunidade Quilombola de Linharinho, Espírito Santo. In: *Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate*. Henri Acselrad (org.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Coronavírus: tudo que é sólido desmancha no ar*. 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/coronavirustudo-o-que-e-solido-desmancha-no-ar/>. Acesso em: 01 maio 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Imaginário e culturas de infância*. 2003. Disponível em <http://old.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>. Acesso em 28/14/2021

SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. Potes que guardam vidas, vidas que viram histórias: A Poteca como ação interativa nas narrativas de crianças e adultos do assentamento Rose na região sisaleira de Santaluz, BA. Orientadora: Profa. Dra Edilene Dias Matos. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, BA, 2019. Disponível https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30440/1/Potes%20Que%20Guardam%20Vidas%2c%20Vidas%20Que%20Viram%20Hist%c3%b3rias_Leila%20Damiana_Tese_CDRom.pdf . Acesso em 28/04/2021.